A Illustração Portugueza

Semanario

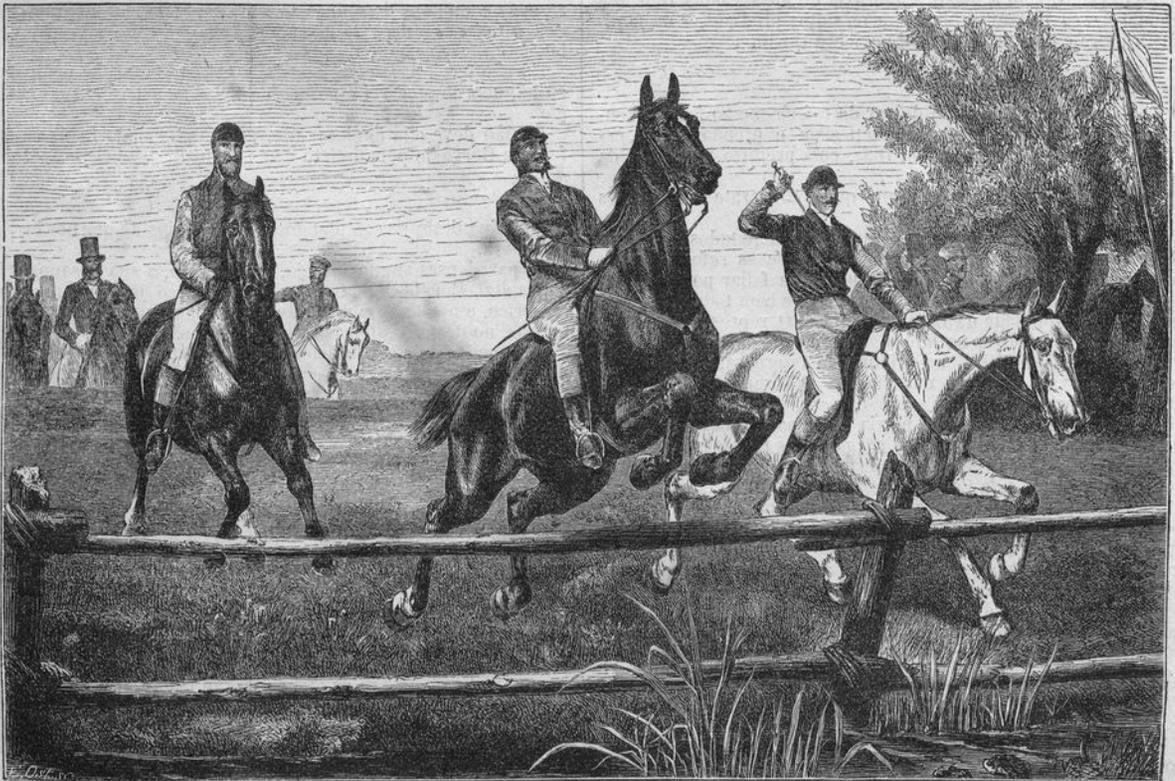
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Como eu riria hoje, a bom rir, d'esta nossa Lisboa rotineira e prudhommesca, se não fosse um portuguez de lei, *sans peur et sans reproche!*

Sabem o que Lisboa inteira faz agora, no momento em que eu

O SALTO DAS BARREIRAS

me vejo a braços com o supplicio da chronica? Vae ver desembarcar os leões e os tigres de mr. Edward Williams, a ultima novidade do Colyseu.

Na sua constante adoração por tudo quanto é bruto, sentindo um enthusiasmo doido e invencivel por tudo quanto cheira a bicharia, a cidade de Ulysses despertou hoje mais cedo, almoçou muito á pressa a fava rica tradicional, abrigou-se como poude das friezas matutinas, e lá vae, rua Nova do Almada a baixo, radiante de jubilos sinceros, com os olhos a faiscarem-lhe d'alegrias juvenis, recreiar-se na contemplação d'uma jaula hermeticamente fechada, em cujo interior adivinha meia duzia de féras rugidoras e terriveis.

Depois, segue no couce do prestito, desde o largo do Pelourinho até á calçada da Gloria, fazendo guarda de honra aos reis das selvas inviziveis; embasbaca ante a narrativa impressionista das ultimas aventuras de qualquer domador afamado; alastra-se pela Avenida fóra, concorrendo com um factor importante de ah! ah! e de oh! oh! para o producto das exclamações pacovias, e perde a manhã completa n'esta longa pasmaceira de provincialismo lorpa, muito despreoccupada e feliz, alheia aos graves problemas de politica internacional que se agitam nas altas espheras da diplomacia, não sabendo senão o que lhe segreda e ensina o *Diario de Noticias*, não tendo sequer a noção do que é, do que vale e do que representa no seu cantinho ignorado da Europa.

Talvez esperassem que ella verberasse um protesto solemne e digno contra as insolencias de Stanley.

Pois não verberaste!

Isso é lá com os governos. Para que é que o paiz lhes paga?

Brutos por brutos, antes os de Edward Williams que o selvagem do Stanley!

Depois, o caso é novo. Teem-se visto homens de differentes raças e nacionalidades confraternizarem n'uma jaula commum, na conferencia de Berlim, por exemplo: mas o que ninguem ainda vio foi tigres e leões vivendo em santa paz octaviana sob o mesmo tecto.

E' naturalissimo que o sr. Antonio de Serpa, o barão de Courcel e sir E. Malet, discutindo os assumptos africanos com mais ou menos calor, abrandem as suas iras ante o olhar magnetico do feroz domador Bismarck. Mas ver animaes ultra-manhosos e féras da mais alta nobreza selvatica, lambendo-se reciprocamente n'um convivio estreito, sem se agatanharem nem abrirem as entranhas do dono e senhor com as garras aduncas, é devéras extraordinario!

Compenetrando-se da verdade d'este asserto, a população lisbonense estremece de jubilo, e antegoza já as delicias indefiniveis d'uma noite de Colyseu, em que os bichos de mr. Williams sejam exhibidos diante da geral boquiaberta, d'envolta com os esgares truanescos dos irmãos Conrads, dois artistas *d'elite* recem-chegados; com a plastica adoravel de miss Emma Bell, um pseudo-*jockey* elegantissimo; com os saltos prodigiosos da familia Briatore e com os bonecos do celebre O'Kill.

E' claro que eu não podia deixar de referir-me ao famoso ventriloquo, um inglez de *tenue* correctissima e prendas raras, escripturado pela empreza Rafael Diaz, com prejuizo manifesto da representação nacional.

Com prejuizo, sim: não cuidem que é disparate ou simples *blague* inventava adrêde.

O governo, conscio de que vae ter varios deputados mudos na proxima sessão parlamentar, ao discutirem-se as reformas politicas, contractara o famoso ventriloquo para fallar por todos elles. A coisa não dava nas vistas e fazia-se com toda a limpeza que a respeitabilidade da Camara requer. O representante mudo limitava-se a mover os labios, fazendo gestos largos de curvas caprichosas, e O'Kill, na tribuna da imprensa, impassivel e sereno, deitava o discurso, um Niagara de discursos, sem gesticular nem abrir a bocca.

Mal comparado, os paes da patria indigenas eram como os bonecos do Colyseu. O preto das gargalhadas ruidosas representar-se-ia pelo Zé Povinho das galerias, e a velhota das cantatas soporiferas, pela Carta Constitucional.

Estava isto tudo em via d'arranjo; alguns membros da Camara pensavam já na possibilidade de ser levados á gloria pela ventriloquia do inglez prodigio; vae senão quando, o Rafael Diaz mette-se de permeio, empalma O'Kill ao governo, para comprometter a situação, e apresenta-o no Colyseu dos Recreios, onde tem feito as delicias d'este povo embasbacado, com os seus cinco fantoches engraçadissimos.

Tambem, antes assim. O theatro de S. Bento não comportaria de certo tantos curiosos como o vasto circo da Avenida.

=Vae deixar-nos a *diva* Salla. Não leva d'aqui applausos, nem corôas, nem saudades, mas, em compensação, leva uma bronchite aguda, que lhe não permittiu revelar-nos os seus recursos artisticos.

Desconfortada e misera Salla! Tu, que affrontaste o cholera, que sahiste incolume dos lazaretos, e que zombaste da neve ultimamente cahida em farrapos sobre os *boulevards* de Paris, vens a este ameno Portugal das larangeiras, onde te promettiam um clima tepido, e sahes d'aqui mortificada pela mais cruel das bronchites, inscrevendo zero de lucros e de triumphos no *Haver* do teu livro Caixa!

Dizem as más linguas que a rebelde constipação da *diva* foi providencial para ella e para a empreza de S. Carlos. Talvez fosse, e tambem para nós, mas faz realmente lastima ver assim constipar-se uma *prima-donna* gentil. Antes a bronchite contemplasse a corista gorda, forçando-a a rescindir, para todo o sempre, o contracto com Campos Valdez.

Ha por ahi tanta gente que se constipa, e só aquelles bronchios de ferro resistem ao rigor da invernia!

T'arrenego!

=Pergunta-me uma leitora meticulosa se póde ir ver sem perigo, ao Gymnasio, a *Lulú*, peça escolhida por Beatriz Rente para o seu ultimo beneficio.

C'est selon.

Se já passou a linha dos oito lustros, essa linha fatal, que é como a lapide funeraria lançada sobre o tumulo onde repousam todas as illusões e todos os rubores de donzella, se já conheceu de perto o amor com todas as suas consequencias, se viveu, sob o mesmo tecto, na intimidade de um sogro devasso; se leu Paul de Kock e Zola, se, finalmente, á força de saber o que é o mundo em que vive, cheio de podridões e eivado de lepra, não se reputa susceptivel de poder ser pervertida por elle, veja a *Lulú* de principio a fim.

No caso contrario, se está ainda desabrochando, em plena primavera d'uma existencia nunca maculada pelo sopro lethal das pornographias francezas, se ao seu *menage*, limpido como auroras d'abril, não chegaram, nem ao de leve, os echos pervertedores da corrupção mundana, conserve-se em casa, e não tente saber quaes são os effeitos do bromureto de potassio e da camphora sobre o organismo animal.

Póde muito bem ser que estas prevenções contra a *Lulú* desagradem á formosa actriz que a levou em beneficio. E' possivel que ella, n'um impeto de raiva provocado pelo meu protesto contra as brutaes licenciosidades da comedia, tente ferir-me com algum olhar rancoroso.

Embora! Não farei á Beatriz enraivecida o mesmo que Alphonse Karr fez, em França, a Louise Collet.

O famoso romancista atacou um dia Louise, rudemente, e recebeu em troca, da sua mão *mignonne*, uma punhalada nas costas.

Impressionado até ás lagrimas por aquelle accesso de ternura excessiva e penetrante, Alphonse Karr enviou, do leito de dôr, as mais completas desculpas ao seu adoravel algoz, e pediu «*perdão a todas as mulheres*» da rudeza com que tratára Louise Collet.

Eu não terei, para com Beatriz, a galanteria de lhe pedir desculpa, nem implorarei o perdão de todas as actrizes, suas collegas.

Perdão deve ella implorar-nos, por nos ter dado *Lulús* na sua festa, e Gervasio pelo delicto de as traduzir.

=Extinguiram-se completamente os receios de que nos invada o cholera.

Os parizienses annunciam já, *urbi et orbi*, a sua desapparição da Capital. Em Hespanha o microbio politico matou o microbio cholerico, e a saude publica vae ali. melhor que a saude das finanças, no dizer das folhas anti-canovistas.

A proposito de cholera, lembra-nos a historia d'um *truc* engenhosissimo, a que ha dias recorreu certo deputado francez, desejoso de viajar *sósinho* n'uma carruagem da linha férrea d'Orléans. Quando digo sósinho, quero dizer *a dois*, sem testemunhas indiscretas.

Á' portinhola da carruagem onde elle ia, apresentou-se um outro viajante.

O deputado deitou a cabeça de fóra e disse-lhe:

—Não suba, sr.! Estou atacado de cholera!

O sujeito, amedrontado, não insistiu, é claro, limitando-se a dar parte do incidente ao chefe da estação de Châteauroux. Este ultimo, tambem cheio de medo, teve uma inspiração sublime: foi-se á carruagem onde ia o supposto cholerico, fechou-a á chave por fóra, e telegraphou ao seu collega de Vierzon, communicando-lhe a gravidade do caso.

Em quanto isto se passava, o pae da patria francez ia mollemente reclinado sobre as almofadas, ao lado d'uma gentil companheira, que nem ao de leve temia o perigo do contagio.

Chegados á *gare* de Vierzon, o deputado achou-se em presença do commissario de policia e d'um medico, que pretendiam a todo o transe desinfectal-o.

Bem entendido, a desinfecção não foi aceita. A doença simulada não passára d'um *truc* pouco parlamentar, para que o deixassem senhor do compartimento.

*

=P. S.—Appareceram já no Colyseu as féras de mr. Williams. Um successo!

C. Dantas.

O GENERAL CLAUDINO

V

Era commandante da força armada em Lisboa Claudino Pimentel quando o infante D. Miguel, depois de assumir a regencia do reino, dissolveu as côrtes, e proclamou a resurreição do governo absoluto. Claudino commetteu n'essa occasião um erro capital. Em vez de se pronunciar energicamente pela causa que sempre defendera, em vez de se juntar aos homens que logo principiaram a conspirar contra a nova ordem de coisas, ou em vez de emigrar, como fizeram Saldanha, Villa Flor e outros, pediu simplesmente seis mezes de licença para tratar da sua saude, e recolheu-se á sua casa de Moncorvo. Esperava atravessar incolume e sereno esse periodo cruel que se ia abrir? Esperava poder-se conservar estranho á tormenta politica? Illusão completa. Um homem com o seu nome e com o seu passado não podia de modo algum deixar de tomar uma attitude pronunciada n'esse terrivel combate que ia travar-se entre os defensores da nova idéa e os sustentaculos das velhas instituições.

Uma fatalidade estranha inspirou n'esse momento ao general Claudino uns escrupulos absurdos. Melindrára-se em Lisboa porque os conspiradores liberaes não o tinham convidado a entrar na conspiração, melindrou se em Moncorvo porque os generaes que fizeram a revolução de 16 de maio se não lembraram logo de o chamar, e deixou-se estar em Moncorvo, emquanto os seus irmãos de armas proclamavam por toda a parte o regimen da Carta. O que elle devia fazer, apenas teve conhecimento da insurreição, era ir offerecer a sua espada á Junta, como soldado leal. Era lá occasião de se melindrar, e de ficar esperando convites! Pagou tão caro comtudo esse impensado retrahimento, que não temos coragem de o censurar de um modo aspero.

A reacção miguelista rugia, entretanto, em Traz-os-Montes e assollava Moncorvo. Como era bem de ver, a sua inacção de nada valeu ao vencedor de Coruche. A sua vida esteve em perigo. Seu irmão Luiz Claudio mandou pedir soccorro ao governador de Almeida, mas, como não recebesse resposta, porque talvez o mensageiro se extraviasse, deliberou fugir para o Porto. Ao mesmo tempo Claudino recebia o tão esperado convite. *Venha, preci samos da sua presença*, dizia-lhe n'um bilhetinho mysterioso Joaquim Antonio de Magalhães. Claudino consentiu emfim em partir, e encetou com seu irmão Luiz Claudio essa desgraçada viagem, que ia ter por termo o tumulo, e por estações os carceres.

A' uma hora da manhã do dia 8 de junho de 1828 partiram os dois irmãos para Foz de Sabor, onde embarcaram no bote em que deviam descer o Douro. Correu tranquilla a navegação, e de uns barcos que encontraram receberam a certeza de que não havia guardas nas margens do rio. Comtudo, ao chegarem ao caes da barca do Carvalho, receberam de um grupo que estava em terra uma descarga de fuzilaria, com ordem de atracarem immediatamente. O arraes propoz que desobedecessem, porque jurava que faria descer rapidamente o barco, pondo-se depressa fóra do alcance das espingardas. Uma segunda descarga, tão infructifera como a primeira, veio confirmar a veracidade da asserção do arraes. Mas era a fatalidade que ia ao leme do barco. O general Claudino, que tão costumado estava a affrontar as balas, não quiz que por sua causa perigasse a vida dos seus companheiros, e deu ordem para que se obedecesse á intimação. Era uma verdadeira loucura.

Podia succeder ainda que os dois irmãos não fossem conhecidos, mas essa esperança logo se desvaneceu, porque estava no grupo um sapateiro de Moncorvo, que logo denunciou os Pimenteis. Ufano com a captura, o capitão commandante da força partiu para Lamego a dar noticia do caso ao general Agostinho Luiz da Fonseca, ordenando ao sargento que ficava, que o seguisse conduzindo o preso. Era um novo ensejo de salvação que o acaso lhe offerecia. Indisciplinados, desordeiros, os milicianos, livres do capitão e não respeitando o sargento, travaram-se de desordem e chegaram a vias de facto, de forma tal que o arraes aconselhou a Claudino que saltasse para o bote, que elle n'um instante o levaria a porto de salvamento. Claudino ainda não quiz!

Decididamente, não acreditando na viabilidade da revolução, desejoso, sobre tudo, de vida socegada, Claudino queria ir ao encontro do julgamento, pensando que ninguem o podia condemnar, visto que não déra nem um só passo para combater as instituições, vigentes por obra e graça do sr. D. Miguel. Não percebia que chegara o momento de uma ferocissima reacção, e que elle havia de pagar por força as suas culpas antigas, as culpas de ter sido o soldado convicto e leal da legalidade, e o deputado audacioso que soubera defender com a sua palavra vigorosa a causa a que se ligára.

A entrada dos dois irmãos em Lamego foi mais uma das scenas vergonhosas d'esse periodo singular, em que andavam de mãos dadas a demagogia e o absolutismo. Acolhidos entre vaias e apupos pela gentalha que um celebre Espadeiro dirigia, só deveram a vida á intervenção corajosa do corregedor Quaresma e de um ajudante de ordens do general Fonseca.

Claudino Pimentel andou n'esta occasião, como o Justo, de Herodes para Pilatos; Agostinho Luiz da Fonseca envergonhou-se de dar ordem para que fosse preso o intrepido general que conquistára diante do inimigo as suas dragonas de brigadeiro, e entregou ao governador das armas de Traz-os-Montes o cuidado de decidir do seu destino. Ahi partiram os dois irmãos para Villa Real de Traz-os-Montes, sempre acompanhados pelos insultos da gentalha.

Foi em Villa Real que o general, cançado de ouvir os insultos e os gritos de «Morra Claudino!» se voltou energicamente para o populacho, e bradou: «O Claudino sou eu! Se ha ahi algum bastante atrevido para me assassinar, aqui me tem!» Bastou esta attitude energica para fazer calar os insolentes, e para pôr cobro ás ameaças, tal é a influencia que sempre exerce no animo das turbas a coragem pessoal!

Não quiz o governador das armas de Traz-os-Montes ver nem ouvir Claudino. Deteve-o tres dias na cadeia, e mandou-o afinal para Lisboa, fazendo-o passar de novo por Lamego. Ao menos porém n'essa nova marcha o official commandante da escolta fez respeitar o preso, e em Lamego foram recebidos sem o tumulto infernal que da primeira vez os acolhera. Mais uma vez se offereceu ao general Claudino ensejo de se livrar da sorte que o esperava, e mais uma vez elle o despresou. Em Lamego, um soldado que ficára de sentinella aos presos, propoz-lhes fugir com elles, e Claudino só lhe respondeu com serenidade: «Advirto-lhe, camarada, que falta ao mais sagrado dever de um soldado!» Chegava a ser demencia!

Uma escolta, commandada pelo Espadeiro, que semos trava agora muito commedido, acompanhou os presos até Vizeu, onde foram de novo acolhidos pelos mais grosseiros insultos, dirigidos contra elles por uma turba ignobil de clerigos e frades. Nas poucas horas que estiveram em Vizeu foram os presos constantemente insultados, e tiveram de seguir logo para Mangualde, acompanhados agora por uma escolta franciscana, cuja descripção entregaremos á penna do visconde de Villa Maior:

«Não tardou em apresentar-se o commandante d'esta singular escolta. Era um formidavel frade franciscano: trazia o habito arregaçado, calça justa, botas de montar, banda militar, grande espada á cinta, bacamarte a tiracol; cobria-lhe a tonsura enorme chapeu com plumas e todo enfeitado com fitas e laços encarnados. Doze frades egualmente ajaezados e armados compunham a escolta que, na rua e já montada, estava esperando os presos.

«Poz-se em marcha esta seraphica e ridicula escolta no meio da furibunda multidão dos vadios, expressamente convidados para insultar e maltratar as duas victimas dos odios politicos.»

Assim grotescamente acompanhado atravessou o general Claudino a villa de Mangualde, parou na ponte de Cabra sobre o Mondego, subiu á serra da Estrella, passou aos Carvalhos Juntos, desceu ao Zezere, e entrou finalmente em Valhelhas, onde lhe consentiram que passasse a noite, não na cadeia que era pouco segura, mas em casa de um escrivão, Francisco Viegas, que se mostrou com elle e com Luiz Claudio humano e caridoso. Até no dia seguinte os acompanhou á Covilhã, onde os recommendou a seu irmão, o capitão Viegas, que depois lhes valeu de muito, como veremos.

Deixemos porém os dois Pimenteis presos na cadeia da Covilhã, e depois consagraremos um ultimo capitulo á narrativa do resto d'esta peregrinação, seguida de tantas outras cruelissimas torturas. E' instructiva esta narração, relanço de uma das paginas mais tristes e mais luctuosas da historia portugueza.

Pinheiro Chagas.

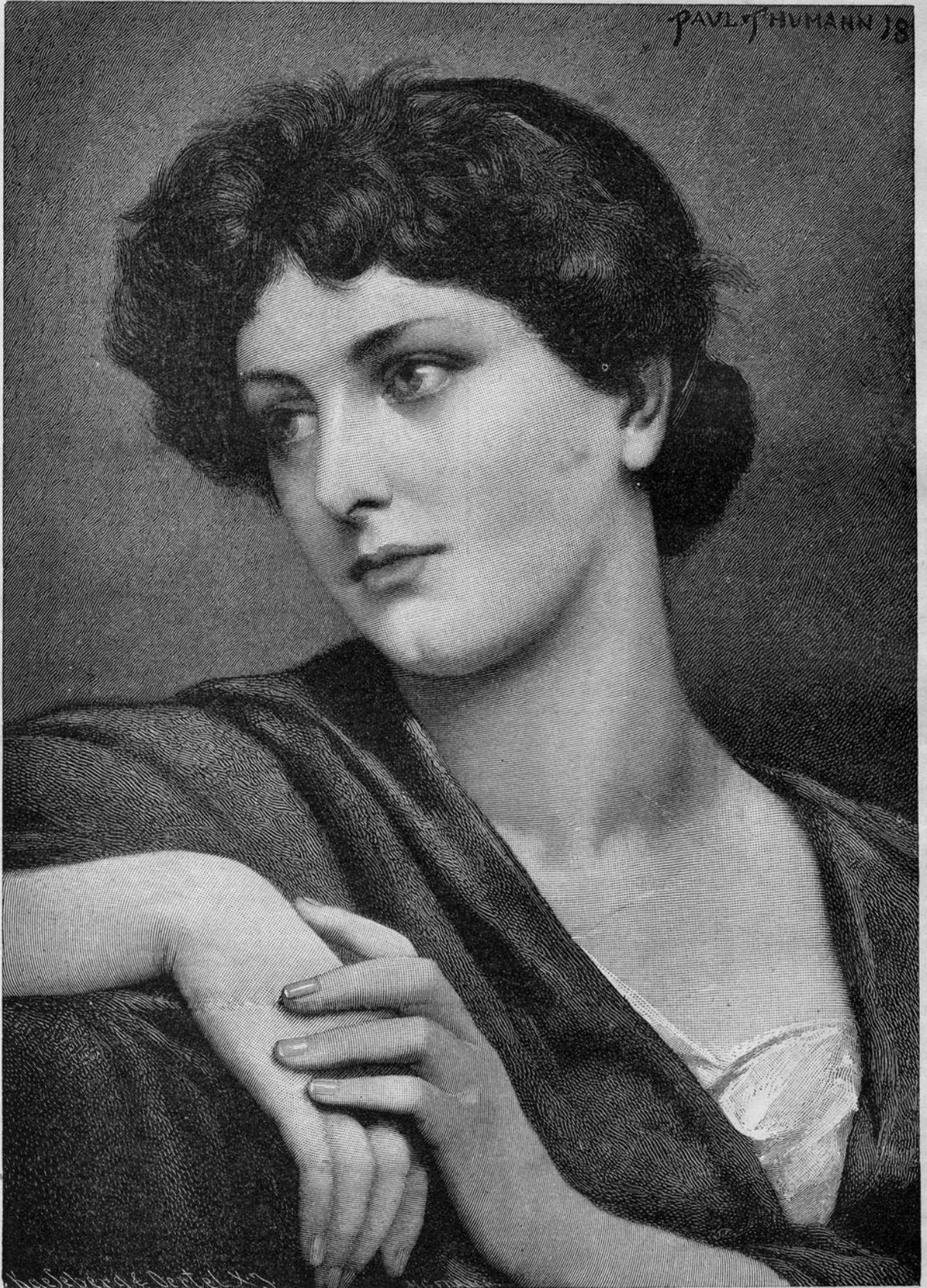
CADENCIAS

(Á EX.ma SR.a D. ALBERTINA PARAISO)

Meu amor, meu amor, amo-te tanto!...
O teu sublime olhar prende e consola,
O' caprichosa flor! ó lirio santo!...

Lança-me pois a estremecida esmola,
—Esmola que desejo e que mendigo,—
A' solidão em que o prazer se evola...

Desce sorrindo ao meu tristonho abrigo,
Bem como o sol da escuridão ao fundo...
Depois sorrindo eu subirei comtigo!...

Acalma breve este soffrer profundo,
Este lidar d'atroz desesperança,
Que o coração me enluta gemebundo...

SCISMANDO (Quadro de Paul Thumann)

A PASSAGEM DO RIO (Quadro de Hans Dahl)

Vem transformar, ó pallida creança,
A enorme chamma que minh'alma estúa
Na luz serena e calma da esperança!...

Os poços são beijados pela lua:
Deixa então que me beije o teu sorriso,
E que eu adore a doce imagem tua!

O teu amor, mulher que diviniso,
E' para mim o porto mais tranquillo
D'esta vida de dôr!... porto a que viso...

Antes morrer, do que outro possuil-o!

Porto, agosto de 1884. E. Bett.

AS NOSSAS GRAVURAS

O SALTO DAS BARREIRAS

Divertem-se.

Sportmen consumados, é de crer que não lhes venha turvar as alegrias da patuscada nenhum trambolhão arreliador.

Todavia, não damos muito pelo cavalleiro e pelo ginete da esquerda, no salto da barreira. O primeiro parece-nos um tanto desastrado; o segundo fracalhão e vacillante.

Emfim, póde ser que ambos cheguem a vencer o obstaculo sem desastre. A's vezes veem-se coisas!...

SCISMANDO

Em que scismará ella? perguntamos nós, fitando-lhe o rosto formosissimo e correcto, onde paira uma nuvemsita de vaga tristeza.

Em que scismará? No amor que provocou, talvez; n'aquella tarde encantadora, em que ouviu juramentos d'affeição preduravel.

Lê-se-lhe na fronte como que a sombra d'uma duvida e d'um receio. Não teria *elle* mentido? Não virá mais tarde a pagar-lhe com o mais cruel dos desdens os seus olhares e os seus castos sorrisos onde se reflecte a pureza virginal d'uma alma enamorada?

Chi lo sa!

A PASSAGEM DO RIO

Vejam que boas caras aquellas!

Ceifaram o dia inteiro á torreira do sol, e voltam para casa ao cair da tarde, atravessando o estreito rio, por onde já começam a alastrar-se as primeiras sombras do crepusculo.

O labor da ceifa não conseguiu fatigal-as nem entristecel-as. Vão contentes e felizes, uma empunhando o remo do filho do barqueiro, que a faz rir com dichotes picantes; outra cantando a *Caninha verde*, mollemente recostada sobre um montão de palha, e a terceira, arremessando beijos ao loiro *bébé* da irmã, que ficou em terra.

A nota discordante, no meio d'aquella premuta de beijos, de sorrisos e de canções é o velho barqueiro, o tio Lucas, que não gosta de *cantigas* nem consente liberdades.

Se não fosse elle, o rapaz e as tres companheiras demoravam a travessia até que o luar fosse nado. Olá se demoravam!

PARA SEMPRE!...

Um idyllio em plena edade media.

Aquelle trovador enamorado consumira noites e noites a dedilhar as cordas do bandolim, sob as gelozias da loira fidalga orgulhosa.

A tyranna rebelde não se humanisava. A' força de descantes, porém, o gelo da indifferença foi-se pouco a pouco desfazendo. As trovas do galante menestrel pareceram-lhe um dia mais sentidas, e provocaram-lhe compaixão. O amor veiu depois, e com elle uns sorrisos estonteadores, que animaram o moço trovador a escalar as janellas rendilhadas.

O resto dil-o o quadro, e se o não diz adivinha-se.

Ella abandonou-se-lhe completamente. Elle jura que ha de amal-a para todo o sempre, tendo por unica testemunha a lua indiscreta.

PONTE DO PARAIZO SOBRE O RIO PARAHYBA

O rio Parahyba é o unico caudaloso da provincia do Rio de Janeiro. Principiando em uma pequena lagôa, na serra da Bocaina, entra na provincia de S. Paulo, indo sair na serra de Ubatúba, e toma n'esta confluencia o nome de Parahyba. Serpenteia por uma infinidade de ilhas, e banha muitas outras povoações.

E' sobre este rio que está lançada a extensa e magnifica ponte, chamada do Paraizo, que a nossa gravura representa.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

A. A.—Monforte.—Algumas das combinações do seu logogripho—*Estramonio*—dão vocabulos de que não reza o diccionario. Os logogriphos normandos não nos pareceram do mais apurado gosto.

J. A. da R. Calisto.—Coimbra.—Aproveitámos sómente o problema, deixando a estampilha á disposição do author.

L. V. T.—Descance, que não desprezâmos o seu *Desprezo.* Fica archivado em logar de honra.

M. D M.—Leiria.—Como o genero abunda extraordinariamente, começámos a dar-lhe vasão em outro jornal de casa. Se houve peccado, perdoe pelo amor de Deus.

O conceito da charada dupla só pode servir para uma determinada pessoa, e nós contamos muitos mil assignantes. Transforme-o, generalise-o, e terá cabida.

As duas irmãs M. L.—Não querendo desvendar o incognito, adopte um pseudonymo, e encarregue pessoa discreta da publicação do livro. Não ha nada mais facil.

O nosso reconhecimento pelos seus applausos.

Fantoche.—Ainda d'esta vez não conquista a gloria appetecida. Tenha paciencia e resignação.

Tom Pouce.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Cultiva e atormenta este homem—2—1.

Come a ave esta flor—2—2.

Na egreja é bonita esta mulher—2—2.

Machico. João Victorino de Freitas.

Na ave é constante esta cidade—2—2.

O relogio mortifica este director—3—1.

Epiphania.

ELECTRICA

A's direitas ou ás avéssas bolsa—3.

Cruz Mendonça.

MATHEMATICA

Rio +g—b, animal—2.

Machico. João V. de Freitas.

EM VERSO

Se quiz saber algum dia
Onde este rio existia—1
Isto fiz e logo soube.—1
Sou de humilde condição,
Por isso em sorte me coube
Viver no mundo arrastado
Sempre, sempre pelo chão—3

Sou alegre, galhofeiro
E philosopho profundo.
Se o mundo se ri de mim,
Eu faço o mesmo do mundo.

Brasil. Eduardo R. Leite.

Para que eu possa existir
E' forçoso destruir
aquella
D'onde emana este meu ser;
Assim não chego sequer
a *vel-a.*—2

Levanta os olhos ao ceu,
Bem distincta lá estou eu.—2

Ora no chão, andando,
Ora no ar, pairando.

Mascarada

ADIVINHAS POPULARES

Eu nasci dentro d'um berço,
Que ninguem tocar ousava.
Aquelle que lhe mexia
A pôr-lhe a mão não tornava.

Nas cidades, villas e hortas,
Quando me apanham crescida,
As mulheres ociosas
Commigo ganham a vida.

Tiram-me o fato, ando nua,
Na velhice ao tempo exposta.
Quanto mais encarquilhada
Mais a gente de mim gosta.

Venha cá senhor 'studante,
Se sabe a philosophia,
Diga qual é a ave voante
Que não tem peitos e cria,
Aos vivos dá alimento
E aos mortos allumia?

LOGOGRIPHO

Quem isto tiver na bocca,—9—4—11—5—13
Engole sem mastigar.—5—2—9—7—13
Foi pena! Tão bom guizado,—10—12—5—6—8—9
Por tantos apreciado—6—1—12—6
Em fogueira vi queimar—10—3—8—13

A receita p'ra o fazer
Vou dar á minha *sopeira;*
Porém 'screvo de maneira
P'ra só ella perceber.
Quem esta arte conhecer
Pode dormir em socego,
Pois não divulga o segredo
Que ao papel der a saber.

F. B. Dias.

PROBLEMA

Pedro percorre n'uma hora 18 vezes a distancia entre dois pontos A e B, e Paulo percorre, no mesmo tempo, 10 vezes aquella distancia, partindo ambos, ao meio dia, do ponto A, pergunta-se a que horas, e em que pontos da recta A B, se verificam os diversos encontros de Pedro com Paulo, realisados desde o meio dia até á uma hora inclusivè.

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Cantaro.
2.ª—Falua.
3.ª—Soldado.
4.ª—Salpicão.
5.ª—Balsamina.
6.ª—Girasol.
7.ª—Oliva
8.ª—Rabula.
9.ª—M a c a c a
a c a b a r
c a b a n a
a b a n a r
c a n a d a
a r a r a s
10.ª— N
t E r
t e M o r
n e m E s i s
r o S t o
r I o
S
11.ª—L o a n d a
o r g ã o
a g r o
n ã o
d o
a

Do logogripho:—Iracema.

Do problema:
A velocidade do pastor deve ser tripla da das ovelhas.

A RIR

Dois medicos estabeleceram-se em uma cidade de provincia, e vivem ali digladiando-se como cão e gato.

De cada vez que um d'elles manda algum doente para a eternidade, diz o outro na botica:

—Mais 6 palmos de cemiterio no activo do meu collega... Vê-se que vae ganhando terreno!...

*

No tribunal:

—Qual é o seu estado?

—Um pouco febril, sr. juiz. Não preguei olho em toda a noite. Agradeço muito a sua attenção.

CUMULOS

Da ladroeira:—Roubar a coroa d'um padre.
Da imprevidencia:—Tropeçar na pedra philosophal.

Um Dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

QUEIMAR CAL SEM FORNOS PROPRIOS

Querendo queimar cal sem ter de fazer um forno caro, pratica-se na fralda de uma eminencia uma excavação quadrada, de $1^{m},60$ por lado e $3^{m},25$ de altura. N'ella se amontoam as pedras calcareas, dispostas de fórma que d'um lado deixem o maior numero possivel de intersticios entre si, para que a chamma possa circular livremente, e do outro lado e inferiormente um espaço livre de 35 a 60 centimetros em largura e altura para o fogão. Esta especie de abobada deve ser estabelecida a todo o fundo para repartir o fogo egualmente; estabelece-se sobre uns simplices de madeira, que se retiram depois de ter formado a abobada com pedras compridas e chatas, apoiadas umas contra as outras, collocadas horisontalmente e deixando numerosas passagens para a chamma. Por este meio chega-se a transformar em cal a massa interior, tendo as pedras da abobada de ir ao fogo segunda vez. Retirada a cal, enche-se immediatamente de novo o forno, para utilisar o calor accumulado na terra em que existe o forno. Porém para fazer cal n'estas condições é necessario que haja abundancia de lenha e que ella seja barata.

A HORA ADORAVEL

(JEANNE THILDA)

O dia vae-se extinguindo; os derradeiros lampejos da luz moribunda filtram-se atravez das janellas dos ultimos andares, pondo uma caricia nos telhados e nos ramos das arvores; dir-se-hia que o ar está impregnado de uma symphonia dulcissima, que dá a sensação de um momento ineffavel; o gaz accende-se, os coupés, com os seus olhos luminosos, desfilam rapidos; a *frileuse* embrulha-se na sua comprida capa de pelles, enterrando os pés na felpa branca como a neve; vae regressar a casa, onde a esperam os *babys*, bem educados, que brincam na *nursery*.

E' a hora em que o cerebro repousa, readquirindo na prostração da fadiga uma força nova; a missão está concluida, o corpo e o espirito desempenharam a sua tarefa quotidiana, a machina humana descançou um instante.

Como é suave e macio o querido ninho onde se abriga a ventura, onde encontramos os entes amados, os pobres nadas que ornam a modesta casa e a fazem parecer mais bonita do que os palacios dos doges; é esse o cantinho onde reinamos, é o *«home»*, palavra exhuberante de felicidades, paraiso das almas sensiveis!

Ella regressou do bosque, despiu a toilette escura e enfiou um penteador de velludo nacarado, guarnecido de *malines*; aquece no calor do fogão os seus pequeninos pantufos da mesma côr, os seus olhos deteem-se sobre todos os objectos que lhe são caros: os livros meio abertos, os retratos de seus filhos, um já no collegio, as jardineiras onde as azaleas illuminam o quarto como finas estrellas, o candieiro coberto de um abat-jour vermelho, que transmitte aos objectos um clarão de aurora, e põe um tom quente no setim de côres indefinidas.

Espera o marido! espera-o sem palpitações, sem sobresaltos, sabe que elle voltará á hora prefixa, ditoso de a tornar a ver; as portas que se abrem não a fazem córar nem empallidecer; elle approximar-se-ha da esposa cheio de confiança e de ternura, e se o seu coração bate um pouco mais accelerado ao ruido da car-

ruagem que entra no pateo, sorri, e consultando o espelho proximo, aguarda-o tranquillamente.

*

As creanças desceram; a menina conta as emprezas da boneca e refere as pirraças que lhe pregou o irmãosinho, que contempla sua mãe com os seus olhos claros de *bambino* feliz.

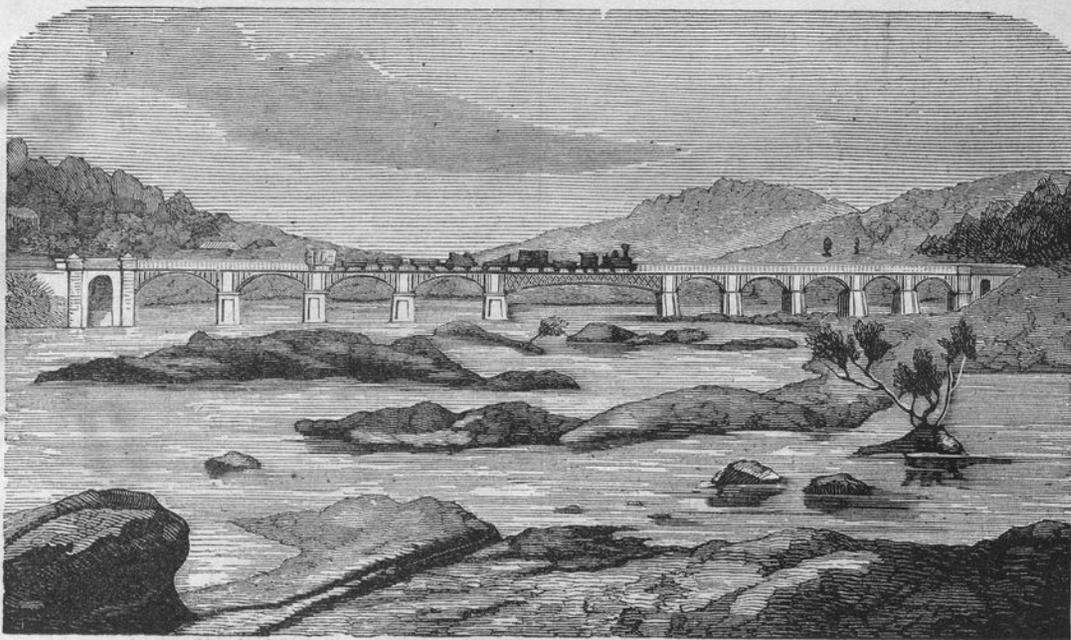
Mas eil-o que volta, aquelle que se esperava; approxima-se d'ella e beija-a. O beijo não é nem apaixonado nem ardente; não a cingiu nos braços, chamando-lhe: «minha alma e meu amor», mas os seus olhares encontraram-se, e na muda caricia dos seus olhos transluz a profunda ternura que os attrahe um para o outro.

Em seguida, elle ouve a garrulice dos queridos entes, de que se separára havia umas poucas de horas; nada é indifferente; interessa-se pela historia da costureira que fez o vestido muito apertado; a cozinheira pediu que lhe fizessem as contas, e o trintanario sollicitou um dia de folga; Lili não soube a sua lição de grammatica; Tótó disse uma palavra feia á creada. O papá ralha, mas os pequenos riem, saltam-lhe para os joelhos e cobrem-o de beijos. Tótó, que é vivo como uma faisca, faz uma pergunta extraordinaria, elle olha para sua mulher, e ficam ambos maravilhados diante do pequeno prodigio.

desviar os olhos do logar vazio á mesa! Sorrira áquelle que dissera: «é preciso», mas os soluços suffocaram-a, roubando-lhe toda a coragem.

Um dia, o ciume feriu-lhe o coração; em um relampago terrivel viu a sua existencia despedaçada, o lar destruido: uma amiga, uma boneca do seu mundo.. Mas pouco a pouco, suavemente, com mil nadas encantadores, feitos de recordações, retomára-o, e elle voltára aterrado, desesperado contra o seu capricho de um momento; depois, os seus laços estreitaram-se mais: os beijos estão tão perto das lagrimas, e é tão doce encontrarem-se as mãos unidas em um perdão!...

*

Ao lado, na casa de jantar, os creados põem a meza; ella mandou collocar ao centro da meza um fresco molho de flores; deseja que tudo esteja bonito em torno d'elle: a casa, ella, as creanças. Os *babys* sairam para irem reparar a desordem do fato; elle approxima-se e vendo-a tão moça e tão bonita, beija-lhe a nuca onde os frizados loiros exhalam um cheiro quente; ella córa, os seus olhos azues, mais azues do que o crystal dos mares, velam-se um pouco: «casados velhos, como nós!», e tirando da jarra um ramo de cravos, aspira-os, occultando o rosto.

PONTE DO PARAIZO SOBRE O RIO PARAHYBA

Durante todo o dia acotovelou invejosos, indifferentes, pessoas preoccupadas da avidez do ganho; prodigalisou apertos de mão banaes, trocou phrases de *cliché!* Agora é tão doce sentir junto do seu coração esses corações quentes, cheios da sua imagem; deliciosa, essa atmosphera de ninho de plumas, impregnada de perfumes, elle ri, esfregando as mãos, está satisfeito, não necessita fallar para exprimir a sua felicidade, ella comprehende-o.

*

O jantar não está prompto, ainda não é a hora do costume! Elle pega nos jornaes e percorre-os, fazendo observações que, por vezes, ella contradiz; ella exprime-se simplesmente, fugindo ás grandes phrases, conhecendo o segredo de encadear sem esforço as palavras; algumas vezes, um sorriso, um piscar d'olhos concluem o pensamento. A politica não a diverte, prefere os dramas de amor, porque lhe parecem contos de fadas: as paixões violentas, o vitriolo, o assassinato obrigam-a a abrir uns olhos enormes; diz, ingenuamente, que são bem infelizes aquelles que nascem n'essa classe de gente; não acha differença entre um amante e um ladrão; nunca ninguem ousou fallar-lhe de amor, os seus grandes olhos puros fizeram recuar os atrevidos.

E entretanto, não lhe são estranhas as horas dolorosas: seu filho, tão novo, foi encerrado no collegio; que dia de lagrimas! Quebrou-se a perfeita união que reinava entre a mãe e o primeiro penhor da sua ventura, outros o guiarão, outros penetrarão os seus intimos pensamentos, o que se passa n'essa alma tão terna. Ah! que angustia a dos primeiros dias, quando ella procurava

D'ali a pouco anoitecerá, entretanto, a hora adoravel não se extinguiu: parece que se vê ainda a extremidade da sua tunica fluctuante; deteve-se um pouco para contemplar essa communhão da alma e do espirito, imagem perfeita de uma felicidade defesa ao vulgo. E' tão bom ser governada! «Conduze-me, querido, eu nada sei; tu, que não ignoras cousa alguma, indica-me o caminho a seguir.»

....

Os gritos das creanças arrancam-nos á serenidade do extasis; a porta da casa do jantar abre-se: «A sr.ª está servida».

Tótó trepa para uma cadeira, batendo palmas, e a hora adoravel voa resplandecente; dará boa conta do que viu, ella que não vizita nunca o lar dos desherdados, onde só existem vaidades e mentiras!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA